

Sobre o desenvolvimento dos projetos da “Vontade de poder” nos fragmentos póstumos de 1888¹

On the development of the “Will to Power” projects in the posthumous fragments of 1888

Clademir Araldi²

Resumo

Este artigo analisa a situação dos projetos para a obra “A vontade de poder”, que Nietzsche elaborou de 1887 ao final de agosto de 1888. Com base na tradução de fragmentos póstumos do final de 1887 à primavera de 1888, investigarei as razões pelas quais ele abandonou esse projeto tão pretensioso. A relação problemática entre a verdade, a arte, a vontade de poder e o niilismo pode auxiliar na elucidação dos impasses e das hesitações de Nietzsche no desenvolvimento do que seria a sua *Hauptwerk* (obra capital), assim como no esclarecimento dos motivos para o seu abandono.

Palavras-chave: Fragmentos póstumos. Vontade de poder. Projetos. Verdade. Arte.

Abstract

This article analyzes the situation of the projects for the book “The Will to Power”, which Nietzsche elaborated from 1887 to the end of August 1888. Based on the translation of posthumous fragments from the end of 1887 to the spring of 1888, I will investigate the reasons why he abandoned this pretentious project. The problematic relationship between truth, art, the will to power and nihilism can help to elucidate Nietzsche’s impasses and hesitations in developing what would be his *Hauptwerk*, as well as clarifying the reasons for his abandonment.

Keywords: Posthumous fragments. Will to power. Projects. Truth. Art.

O que há de novo nos escritos nietzschianos de 1888? A elaboração dos livros polêmicos nos últimos meses desse ano pode parecer, à primeira vista, a coroação do pensamento do filósofo solitário e errante. Mas a situação é mais complexa, ainda mais quando consideramos os projetos filosóficos de Nietzsche contidos nos fragmentos póstumos do final de 1887 e dos primeiros meses de 1888. Nessa época, Nietzsche está decidido a levar a cabo o projeto de sua “obra capital”, então nomeada por ele de “A vontade de poder. Ensaio de uma

¹ Este artigo teve o apoio do CNPq, por meio da bolsa de pós-doutorado sênior, no período de pesquisa de pós-doutorado no PGFILOS da UFPR (de dezembro de 2020 a agosto de 2021).

² ** Doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo. Professor titular do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, RS, Brasil. E-mail: clademir.araldi@gmail.com

transvaloração de todos os valores” (*Der Wille zur Macht. Versuch einer Umwerthung aller Werthe*). Sabemos que Nietzsche abandonou esse projeto, e que a obra com esse título é uma compilação, assumida principalmente pela irmã do filósofo, Elisabeth-Förster Nietzsche. Esse é um assunto já encerrado, pois com a edição crítica Colli-Montinari ficou bem elucidado que Nietzsche não desenvolveu nem concluiu esse livro³. Entretanto, as razões pelas quais ele abandonou esse projeto tão grandioso, e as consequências desse abandono ainda não foram esclarecidas completamente. Procuraremos mostrar que, além do pouco desenvolvimento dos pontos principais de sua tarefa afirmativa, um dos principais motivos para esse abandono foi a permanência do niilismo na questão dos valores e da verdade. Mesmo nas novas considerações sobre a *décadence*, a afirmação da arte como mentira e engano não é uma solução satisfatória para as tarefas propostas na transvaloração dos valores.

A filosofia da mentira

Giorgio Colli contribuiu bastante para pensar o estatuto dos escritos e fragmentos póstumos do último ano de produção filosófica de Nietzsche. Ele volta a atenção para a grande quantidade de fragmentos póstumos do inverno de 1887 à primavera de 1888, que deveriam ser aproveitados para a elaboração de uma “grande obra”:

Como é sabido, todo esse material foi reunido por Nietzsche em vista do projeto de uma grande obra, a *Vontade de poder*. Mas evidentemente, esses fragmentos escritos na primavera de 1888, apesar de sua quantidade, não concedem a Nietzsche a sensação de ter dado um passo decisivo para a efetivação de seu plano. Poder-se-ia dizer, ao contrário, que ele se sentia mais distante do que nunca de sua meta.⁴

Para Colli, é importante termos em conta a desconfiança de Nietzsche em relação a toda construção sistemática, mas é preciso admitir também a sua incapacidade para levar a cabo os planos sistemáticos tão ambiciosos de sua grande obra. Se esse material foi aproveitado para a elaboração de outras obras, mais polêmicas, “artísticas” e não sistemáticas, não se poderia dizer, em contrapartida, que a verdade está encerrada nos fragmentos póstumos. Mas ele pondera que as obras publicadas muitas vezes mais ocultam ou mascaram problemas do que propriamente oferecem uma solução satisfatória a eles. Se pensarmos que por vários anos Nietzsche tinha o projeto de publicar um livro sobre a vontade de poder e a transvaloração, e

³ Assim como G. Colli, M. Montinari também esclareceu, de modo histórico e filológico, a situação dos planos e elaborações da “Vontade de poder”, eliminando qualquer tentativa de defini-los como uma obra de Nietzsche. Cf. MONTINARI, 1982, o cap. „Nietzsches Nachlaß von 1885-1888 oder Textkritik und Wille zur Macht“, p. 97–119. Apesar do “caos aparente” dos fragmentos póstumos ordenados cronologicamente, Montinari defende que eles são imprescindíveis para compreender o movimento do pensamento de Nietzsche, com seus ensaios e hesitações.

⁴ COLLI, 1988, p. 667.

que esse projeto era decisivo para sua filosofia, então o seu abandono terá impactos significativos para a sua obra e vida. Temos que ter em mente que Colli compreende o autor de livros polêmicos, “Nietzsche”, como artista, mentiroso e comediante:

Quando Nietzsche quer publicar um livro, ele pensa primeiramente nos leitores e, por esse motivo, ele se torna artista, portanto – conforme o significado que esse conceito tem para ele – mentiroso e comediante: [...] Temos então de procurar nos fragmentos póstumos o Nietzsche que diz a verdade, o filósofo, e nas obras publicadas, o artista? Esse questionamento, na verdade, é simplificador, sobretudo quando se quer ampliar a relação geral entre os escritos póstumos e os publicados, mas ele pode nos auxiliar a compreender melhor o último ano de criação literária de Nietzsche – do outono de 1887 até o final de 1888 –. (COLLI, 1988, p. 656)

Por que Nietzsche queria tanto escrever o livro *A vontade de poder*? As cartas do início de 1888 nos auxiliam a compreender os motivos para a elaboração desse projeto grandioso. Trata-se de uma tarefa assumida como fatídica, apesar das condições desfavoráveis em que muitas vezes ele se encontrava. Essa disposição de ânimo se expressa bem na carta do início de fevereiro de 1888:

Eu também estou ativo; e, sem dúvida, os contornos da tarefa enorme, que agora está diante de mim, ressaltam sempre mais claramente da névoa. Houve horas sombrias, houve dias e noites inteiros em que não sabia mais como viver, e nos quais se apoderou de mim um negro desespero, como ainda não tinha vivenciado até agora. Apesar disso, sei que não posso esquivar-me nem para trás, nem para a direita nem para a esquerda: não tenho mesmo *escolha*.⁵

Essa tarefa não é assumida como algo leve e prazeroso, mas como uma “tensão” torturante, como ele expressa em outras cartas⁶. É justamente a frustração por não ter encontrado entre os alemães os desejados leitores para os seus livros, incluindo “o mais profundo” dentre eles, o *Zarathustra*, que faz com que Nietzsche volte a escrever apontamentos, com renovada dedicação, para a “Vontade de poder”:

Um livro para pensar, nada mais: isso pertence àqueles, aos quais o pensar dá *prazer*, nada mais...

O fato de estar escrito em alemão é, no mínimo, extemporâneo: eu gostaria de ter escrito em francês, para que não pareça como apoio a quaisquer aspirações imperial-alemãs.

Livros para pensar, – eles pertencem àqueles, aos quais o pensar dá prazer, nada mais... Os alemães de hoje não são mais pensadores: algo diferente lhes impressiona e dá prazer. A vontade de poder como princípio dificilmente lhes seria compreensível... Por isso mesmo, gostaria de não ter escrito meu *Zarathustra* em alemão (FP 1887 9[188]).

⁵ Carta a Franz Overbeck, de 3 de fevereiro de 1888 (KSB 8, p. 242 s.).

⁶ Cf. a carta à mãe, Franziska Nietzsche, de 29 de janeiro de 1888: “Estou tão contente por poder trabalhar de novo: ou, expresso de outra forma, por meu espírito ter tido novamente a *coragem* para a tarefa, a cujo serviço vivi até agora. Os tempos em que falta essa coragem são sobremaneira difíceis de superar; e visto que, a julgar pela experiência mais rica, nenhum ser humano faz ideia daquilo que se trata em mim, e com que tipo de peso <eu> tornei a vida difícil para mim, tampouco alguém sabe o que poderia de alguma forma me restabelecer e encorajar.” (KSA 8, p. 235 s.)

Temendo que o seu valioso e criativo processo de pensamento, ligado ao “princípio” da vontade de poder fosse novamente menosprezado pelos alemães, assim como ocorreu alguns anos antes com o *Zarathustra*, Nietzsche se volta para o amplo círculo cultural europeu, com mais ênfase à França, onde espera ter leitores mais pensantes, e com melhores condições para acolher sua obra “mais independente”⁷. Com o pretense esgotamento do “espírito” alemão no séc. XIX, a França continua sendo para ele a sede da cultura mais espiritual da Europa, mas é também o epicentro da *décadence*. O problema é que Nietzsche quer se apresentar na França sobretudo como Filósofo, que desconfia dos sistemáticos, e não tanto como artista ou literato, em meio à literatura da *décadence*, que predominava principalmente em Paris. As formas como o artista ingressa em sua filosofia tardia serão ensaiadas em escritos póstumos e expressas nas obras publicadas ou preparadas para publicação em 1888.

Desconfio de todos os sistemáticos e os evito: talvez se descubra ainda atrás deste livro o sistema, do qual eu me *afastei*...⁸

A vontade de sistema: em um filósofo, expresso moralmente, é uma depravação refinada, uma doença do caráter; expresso imoralmente, sua vontade de se apresentar mais tolo do que é – mais tolo, isto é: mais forte, mais simples, mais mandante, mais inulto, mais comandante, tirânico...

Eu não estimo mais meus leitores: como poderia escrever para leitores?... Mas eu anoto a mim, para mim (FP 1887 9[188]).⁹

São muito fortes ainda os ecos dos fracassos editoriais de *Além do bem e do mal* e da *Genealogia da moral*. A perda da esperança em encontrar leitores¹⁰ à altura de seu pensamento inovador e independente persiste até o início de 1888. Isso muda, principalmente, a partir da primavera em Turim, com o sucesso das preleções de G. Brandes na Dinamarca, e com os planos de publicação de *O caso Wagner*, com o qual Nietzsche quer intervir na *décadence* europeia¹¹. Alguns dos fragmentos póstumos de 1888, no entanto, são diários de um niilista,

⁷ É assim que ele entende a “obra principal”, planejada nessa época. O *Zarathustra*, em contrapartida, seria o “livro mais profundo” que Nietzsche presenteou aos alemães. Cf. FP 1888 18[5].

⁸ Uma formulação semelhante desta (auto)crítica aos sistemáticos ocorre alguns meses depois, em julho-agosto de 1888. Cf. FP 1888 18[4].

⁹ Confirma também FP 1888 18[4] e 18[5].

¹⁰ G. Colli entende que há uma tensão nos escritos póstumos dessa época entre a afirmação da extemporaneidade e a pretensão de atualidade de Nietzsche. Em seus ataques obsessivos aos alemães e à *décadence* moderna, o filósofo perderia o contato com a realidade ao acentuar “furiosamente” sua extemporaneidade. Cf. COLLI, 2008, p. 199 s. Também Montinari compreende que o desprezo de Nietzsche à atualidade, incluindo suas críticas virulentas ao cristianismo, à moral e à política não é acompanhado de um desenvolvimento de sua vertente afirmativa, por exemplo, de sua “singular utopia” do eterno retorno do mesmo. Cf. MONTINARI, 1981, P. 124.

¹¹ As cartas de abril e maio de 1888 são testemunhos desta nova disposição de ânimo, em que o filósofo antes incompreendido agora presume ter leitores atentos e condições de suas propícias para o acolhimento de seus pensamentos profundos. Acerca do entusiasmo de Nietzsche com as preleções de Brandes, que tinham como título “Sobre o filósofo alemão Friedrich Nietzsche”, confirma particularmente as cartas de 10 de abril de 1888 (a F. Overbeck, KSB 8, p. 291s.), de 14 de abril de 1888 (a C. Fuchs, KSB 8, p. 293-295), de 20 de abril de 1888 (a H. Köselitz, KSB 8, p. 298) e de 3 de maio de 1888 (a P. Deussen, KSB 8, p. 307).

nos quais Nietzsche “anota a si mesmo”, e com honestidade intelectual expressa seu sentimento de vazio, de um empobrecimento teórico em questões que lhe eram caras.

Por mais que esse desabafo e lamento seja sincero, não podemos inferir deles que Nietzsche tenha decidido abandonar em definitivo seus projetos de escrever e publicar livros. Isso porque ele quer se destacar por sua escrita de cunho artístico e polêmico, e por sua retórica belicosa. Ou seja, apesar dos fracassos editoriais recentes com os seus dois últimos livros, Nietzsche insiste em escrever para leitores! Nesse sentido, muitos escritos e fragmentos póstumos são textos preparatórios para livros futuros. A escrita de “A vontade de poder” tem uma dificuldade a mais, pois o seu autor tem pretensões sistemáticas ambíguas, e não encontra um estilo próprio para sua tarefa teórico-prática. É por isso que Colli fala de um esgotamento dos recursos teóricos e conceituais de Nietzsche ao longo do ano de 1888¹². Não é um julgamento precipitado, pois Colli, juntamente com Montinari, organizou a edição crítica da obra de Nietzsche, com uma análise minuciosa dos fragmentos póstumos. Por isso, os comentários feitos por ele aos fragmentos póstumos de 1888 colocam questões que precisam ser levadas a sério:

Pouco antes da última erupção expressiva, antes do surgimento repentino de seus últimos escritos – esta sedução no fundo, para implicar os homens e o mundo nos destinos de seu cérebro –, encontramos agora o homem, sozinho consigo mesmo, oprimido por suas repetições, indeciso sobre o caminho a seguir, munido apenas com poucos recursos, aprisionado nas redes de sua própria argumentação. Nietzsche havia chegado realmente a um ponto morto, pois não lhe era mais possível eximir de um caminho ainda racional os conceitos gerais desgastados: “ciência”, “arte”, “filosofia”, “decadência”, “moral” etc., nem podia chegar a distinções novas, esclarecedoras e específicas ou à pureza das categorias lógicas. O fastio com esses conteúdos o impeliu para a interioridade” (COLLI, 1988, p. 664)

Esse esgotamento que ocorria no interior do seu próprio pensamento é perceptível nas tentativas de desenvolvimento dos planos da “Vontade de poder”. É possível ainda falar do “valor total do devir”, depois das reiteradas afirmações de que o mundo, em si mesmo, não possui nenhum valor? Assim, só se poderia falar do valor a partir da ótica interessada de formas determinadas de vida. O que conta é o aumento do poder, pois é bom tudo aquilo que aumenta

¹² Mazzino Montinari avalia de modo diferente o abandono dos projetos para a grande obra: “A filosofia como ocupação teórica havia perdido, para Nietzsche, sua justificação de existência; em seu lugar entrou, como ele mesmo diz, a história” (MONTINARI, 1981, p. 123). Para Colli, essa questão é mais complexa, pois é preciso levar em conta também o esgotamento dos recursos teóricos empregados por Nietzsche, e sua incapacidade para desenvolver planos sistemáticos no último ano de produção filosófica. Se a filosofia como história, como posição do filósofo enquanto legislador, no sentido proposto por Montinari, fosse efetivamente o coroamento da filosofia de Nietzsche, sua tarefa ‘transvalorativa’ estaria em boa parte assegurada no *Crepúsculo dos ídolos* e em *O Anticristo*, obras oriundas do material inicialmente destinado para a “Vontade de poder”. Não há, contudo, o desenvolvimento da figura do filósofo enquanto legislador, que pudesse desencadear um contramovimento sustentável à decadência moderna, para além das estratégias retóricas empregadas.

“o sentimento de poder, a vontade de poder, o poder mesmo no homem”¹³. Nietzsche não possui recursos teóricos para sustentar a vontade de poder como novo critério da “verdade”. No máximo, pode inserir a “prova da força”: o que importa é a afirmação da vida, no sentido do aumento do sentimento de poder e do próprio poder. Mas ele hesita em adotar esse “critério da verdade”, como transparece nos fragmentos póstumos de 1888. É um procedimento até mesmo contraditório para o pensador que afirma, que para o ser humano, “a mentira é o poder”¹⁴. Nesse sentido, G. Colli apresenta um desafio enorme para a filosofia do poder nietzschiana: na “Filosofia da mentira”, a arte (como criação de ilusões e enganos) é vista como a expressão mais elevada do poder afirmativo humano¹⁵. O homem como poeta, como artista e mentiroso, poderia triunfar sobre o caráter terrível da existência. Os tipos fortes da vida ascendente, que foram exceções dispersas no passado humano, também são expressões desse poder artístico. Sob as condições de fraqueza do mundo moderno não seria mais possível atingir graus elevados de poder; por isso, o tipo forte do futuro deveria ser longamente preparado. Mas a “modernidade” é ambígua, não podendo ser reduzida a um esgotamento niilista. Mesmo a arte moderna da *décadence* apresenta uma profusão de forças, que poderia ser aproveitada para o artífice e legislador do futuro. Como compatibilizar as tarefas valorativas do artífice de legislador do futuro com as propensões do artista, com seus valores estéticos?

É nesse contexto e com esses desafios que o crítico da modernidade retorna ao *Nascimento da tragédia*, para reinterpretar o valor das produções humanas: arte, religião, filosofia, ciência, moral seriam aspectos distintos de uma tendência preponderante à mentira. Nesse sentido, o “Diário do niilista”, não é uma mera sátira ao vazio vivido por aquele que se afastou de todas as verdades. As questões propostas atingem em cheio o núcleo do projeto afirmativo da “Vontade de poder”. Na fase final do movimento niilista, na “fase da catástrofe”, o “niilista” pergunta

se a mentira não seria algo divino..
se o valor de todas as coisas não residiria no fato de que elas são falsas?..
se o desespero não seria a mera consequência de uma crença na *divindade da verdade*
se justamente o *mentir* e o *falsificar* (falsear) não seriam a posição de um sentido, de um valor, uma meta (FP 1888 11[327])

Sem os erros incorporados ao longo do devir humano não poderíamos viver. O problema da verdade retorna, sem perspectivas de solução. Nietzsche não assume inteiramente a posição do comediante e artista, que simplesmente afirma o valor da mentira. É um bom exemplo de como os fragmentos póstumos de 1888 não decifram enigmas da filosofia dos anos

¹³ FP 1888 11[414].

¹⁴ FP 1888 11[415].

¹⁵ Cf. COLLI, 1988, p. 661.

anteriores. Podemos questionar, assim, se o critério do aumento de poder não seria mais uma expressão dessa “Filosofia da mentira”. A nova orientação para a *Aesthetica* é um indício de um caminho a ser percorrido, que será desenvolvido posteriormente, na fisiologia da arte, na distinção entre as formas de embriaguez apolíneas, dionisíacas e a embriaguez dos fracos, modernos, esgotados. O próprio dionisíaco terá de passar agora pelo crivo da fisiologia. Se ele detecta em Sócrates os estigmas da *décadence*, nos gregos a análise fisiológica poderia revelar também sintomas da vida ascendente, da vontade afirmativa de poder. O grande problema é que na cultura e na arte de seu tempo predominam os valores niilistas, entendidos agora como valores da *décadence*.

Niilismo e *décadence*.

É no contexto de um distanciamento sempre maior em relação à narrativa histórica abrangente do niilismo que Nietzsche elabora o conceito de *décadence*. O foco das análises das formações de decadência está nos processos vitais, na fisiologia:

Que a humanidade tenha uma tarefa inteira para resolver, que ela, como um todo, vá ao encontro de algum objetivo: essa representação tão obscura e arbitrária é ainda muito recente. Talvez ela seja abandonada, antes de se tornar uma “ideia fixa”... Ela não é nenhum todo, esta humanidade: ela é uma pluralidade insolúvel de processos vitais ascendentes e decadentes. Ela não tem uma juventude, depois uma maturidade e, enfim, uma velhice. As camadas se interpenetram e se sobrepõem – e em alguns milênios poderão existir sempre ainda tipos mais jovens de homem do que nós hoje podemos comprovar. A *décadence*, por outro lado, pertence a todas as épocas da humanidade: em toda parte há estofo de escória e ruína, é um processo vital mesmo, a eliminação das formações de decadência e de declínio (FP 1888 11[226]).

Em vários momentos ele já havia expressado que o niilismo é o resultado dos valores que predominaram até agora. Com a análise dos processos vitais ascendentes e decadentes, o niilismo ocupará um lugar mais modesto na crítica dos valores. Ele é um movimento histórico, sobretudo o niilismo europeu, que emerge da *décadence* que faz parte de todas as épocas da vida humana: “O niilismo não é nenhuma causa, mas somente a lógica da *décadence*”.¹⁶ Assim ele formulará a relação entre os dois conceitos nos meses seguintes. Não temos com isso o abandono do conceito de niilismo, mas uma nova interpretação sobre a dinâmica dos valores. O cristianismo continua sendo interpretado como uma religião niilista, que reuniu os “elementos de *décadence*” da Antiguidade que lhe eram afins, acabando por tomar o “partido dos fracos e malogrados”¹⁷. Mas o triunfo dessa religião niilista será objeto de uma investigação fisiológica acerca dos valores da *décadence*.

¹⁶ FP 1888 14[86] 4.

¹⁷ FP 1888 11[371].

Esse vínculo entre niilismo e *décadence* pressupõe as análises anteriores sobre a vontade, o prazer e o poder. Entretanto, as considerações sobre o caráter plural da vontade e sobre o prazer e desprazer em relação ao grau de poder são repetições de argumentos já desenvolvidos em anos anteriores. Nietzsche não consegue aplicar nos desenvolvimentos de seu projeto o modelo do acúmulo e descarga de forças, para dar conta da amplitude da questão dos valores e da transvaloração. O niilismo se interpõe como um empecilho a essa aplicação, devido à percepção do longo desperdício das forças. Já a abordagem do pessimismo a partir do acúmulo e descarga das forças aponta para o tema da felicidade. No registro da transvaloração dos valores, a felicidade é vista como resultado da descarga de forças acumuladas¹⁸. Essa forma de transvalorar valores, no entanto, não é articulada nos domínios da cultura, da ética e da estética, sobre as quais Nietzsche pretende atuar. Assim, os fragmentos póstumos desse período apresentam análises sobre a música, a arte e a literatura moderna em tom mais crítico, mas sem um vínculo forte com os valores futuros afirmativos, que deveriam nascer após a ruína dos valores da *décadence*.

Chama a atenção que o “tipo Jesus” apareça em outra perspectiva, externa à moral do rebanho. Cristo, como espírito livre não é o antípoda do além-do-homem, mas é aquele que “fala somente do mais íntimo, das vivências”¹⁹. As leituras de Renan, Tolstói e Doistoiévski são muito importantes para essa nova compreensão, na forma como será desenvolvida em *O Anticristo*. Não é o sofrimento do “crucificado” que caracteriza o “tipo Jesus”, mas o colocar-se fora da metafísica, da ética e dos valores mais estimados pelo homem moral. Esse tipo não estaria contaminado pelos valores decadentes que a religião niilista do cristianismo disseminou. O além-do-homem (*der Übermensch*), que praticamente foi abandonado depois de *Assim falou Zaratustra*, reaparece agora como tipo de valor superior a ser cultivado²⁰. Essa espécie de “além-do-homem”, contudo, refere-se a tipos relativamente superiores, que tiveram êxito esporadicamente na história humana, como “felizes acasos de grande êxito”. Não há progresso no sentido da elevação e do fortalecimento: a história do niilismo europeu, com suas fases²¹ e períodos²², mostraria justamente que o homem moderno é de valor inferior ao homem do Renascimento. Entretanto, a partir da modernidade haveria um avanço contínuo na decadência, no sentido de reunir as condições para a autossuperação do niilismo, pelo menos para os mais fortes, para os “vencedores”, nessa luta entre valores antagônicos.

¹⁸ Cf. FP 1888 11[38].

¹⁹ FP 1888 11[368].

²⁰ Cf. FP 1888 11[413].

²¹ Cf. FP 1888 11[327].

²² Cf. FP 1888, 11[150], a descrição dos 4 períodos da História do niilismo europeu: 1) O período da obscuridade; 2) o período da claridade; 3) o período dos 3 grandes afetos e 4) O período da catástrofe.

É preciso retornar ao ano anterior, pois em 1887 o niilismo ocupava um lugar mais destacado nos projetos de “A vontade de poder”. Como no projeto do final do inverno (de 17 de março, escrito em Nice)²³, em que há um comentário específico a esta questão:

[+ + +] de todos os valores

Primeiro livro. O niilismo europeu.

Segundo livro. Crítica dos valores supremos.

Terceiro livro. Princípio de uma nova posição de valor.

Quarto livro. Disciplina e cultivo. (FP 1887 7[64]).

O niilismo é visto como necessário nesse longo processo de crítica e posição de valores afirmativos. Do mesmo modo, o niilismo aparece como o primeiro livro do plano do outono de 1887:

A vontade de poder.

Ensaio de uma transvaloração de todos os valores.

Livro I: *O niilismo* como resultado final dos valores supremos até agora.

Livro II: *Crítica dos valores supremos até agora*. Discernimento do que é dito por meio de sim e não.

Livro III: *A autossuperação do niilismo*. Ensaio de dizer-sim a tudo o que foi negado até agora.

Livro IV: *Os vencedores e os vencidos*. Uma profecia. (FP 1887 9[164])

Na carta de 2 de setembro de 1886, Nietzsche mencionou à irmã e ao cunhado Bernhardt sua decisão firme de escrever sua obra capital (*Hauptwerk*). Ela teria 4 tomos e seria elaborada em 4 anos, ou seja, até 1890²⁴. Nas cartas do início de 1888 esse plano se mantém, com pequenas variações, pois ele pretende ainda terminar sua transvaloração nos anos seguintes. Em 13 de fevereiro de 1888²⁵, admite ter concluído a “primeira versão” da transvaloração, mas não temos nenhuma organização de um dos quatro livros sequer. Os fragmentos do grupo 12, que foram numerados e divididos entre os quatro livros da obra principal, são a tentativa mais elaborada para avançar na efetivação do projeto²⁶. Mesmo assim, é difícil encontrar nesses 374 pontos uma ordenação criteriosa e coerente a partir desses quatro livros. Nietzsche desenvolve mais a temática do niilismo no caderno WII, no grupo 11, que é

²³ Esse plano serviu de índice para a compilação *Der Wille zur Macht*, feita por E. Förster-Nietzsche, em 1906.

²⁴ Cf. carta a Elisabeth e Bernhard Förster, de 2 de setembro de 1886. (KSB 7, p. 241)

²⁵ Conforme consta na carta a Heinrich Köselitz, de 13 de fevereiro de 1888 (KSB 8, p. 252): “Conclui a primeira versão de meu *“Ensaio de transvaloração”*: no final das contas, foi uma tortura e de modo algum tenho ainda coragem para essa tarefa. Daqui a dez anos, quero fazer isso melhor. —“

²⁶ Mazzino Montinari destaca que desses 374 fragmentos destinados à “Vontade de poder”, 300 foram divididos entre os 4 livros. Esses títulos/pontos de fevereiro de 1888 seguiriam os motivos principais dos projetos anteriores: niilismo, crítica dos valores, transvaloração dos valores, eterno retorno. É preciso notar, contudo, que no último plano, do final de agosto de 1888, o niilismo aparece no livro 3. Cf. MONTINARI, 1982, p. 106 – 109.

dessa época. Assim, ele parece seguir os planos de 1887. Os últimos projetos da vontade de poder em que o niilismo ocupa um lugar central são do início – primavera de 1888²⁷. Eles marcam um ponto de inflexão, pois nos escritos seguintes ele paulatinamente substitui as temáticas do niilismo e da decadência (*Niedergang*) pela temática da *décadence*. Sem conseguir dar um desfecho favorável à questão do valor da verdade.

O destino da vontade de verdade

Nas tentativas de desenvolvimento dos planos da “Vontade de poder” de 1888, Nietzsche permanece ainda enredado nas conclusões dos anos anteriores sobre as consequências da vontade de verdade no homem, mesmo nos espíritos mais livres de seu tempo. É o processo de autossupressão da moral, descrito no livro V de *A gaia ciência*, que terminaria com uma grande interrogação: “Depois que a veracidade cristã tirou uma conclusão após outra, tira enfim sua *mais forte conclusão*, aquela contra si mesma; mas isso ocorre quando coloca a questão: “*que significa toda vontade de verdade?...*” (GC 357). No escrito de Lenzer-Heide o pensador solitário tira as consequências niilistas mais imediatas desse voltar-se contra si da moral cristã:

Mas entre as forças que a moral fomentou estava a *veracidade*: esta se volta por fim contra a moral, descobre sua *teleologia*, sua consideração *interessada* – e agora o *conhecimento* (*die Einsicht*) dessa longa e encarnada mentira, de que se desespera por libertar-se, atua justamente como estimulante. Ao niilismo. (FP 1887 5[71] 2, 10 de junho de 1887).

Nietzsche está terrivelmente sozinho, diante dessa questão, pois nenhum de seus amigos conhecidos compartilhou com ele as consequências da vontade de verdade, que toma consciência de si como problema. Esse isolamento é expresso em muitas cartas posteriores à publicação de *A genealogia da moral*. O consolo do solitário é sempre esperar por amigos/espíritos livres futuros, que pudessem assumir essa tarefa: “Nessa gradual consciência de si da vontade de verdade – disso não há dúvida – perecerá doravante a moral: esse grande espetáculo em cem atos reservados para os próximos dois séculos da Europa, o mais terrível, mais discutível e talvez mais auspicioso entre todos os espetáculos ...” (GM III, 27).

Esse espetáculo terrível, que acometeria a Europa nos dois séculos seguintes, é justamente o niilismo europeu, como é descrito em 1888:

O que eu narro é a História dos dois próximos séculos. Eu descrevo o que vem, o que não pode deixar de vir: *o advento do niilismo*. Essa História já pode ser contada: pois a necessidade mesma está aqui em obra. Esse futuro fala já através de cem signos, esse destino se anuncia em toda a parte; para essa música do futuro, todos os ouvidos

²⁷ Cf. os dois planos para a “obra capital” contidos no caderno Z II eb., do grupo 13, do início de 1888 à primavera de 1888, FP 13[3] e 13[4].

já estão aguçados. Toda a nossa cultura europeia move-se, desde há muito tempo, com uma tortura da tensão, que aumenta a cada década, como se fosse para uma catástrofe: inquieta, violenta, precipitada: como uma corrente, que quer chegar *ao fim*, que não se volta mais para si, que tem medo de voltar a si. (FP 1888 11[411])

Essa “tortura da tensão” se concentra também na vontade de verdade, que faz com que a cultura europeia se volte contra si mesma. Os espíritos livres, com sua problemática vontade de verdade, são os herdeiros dessa tradição que afirmou a verdade como valor superior. E justamente o niilismo tira as consequências da decadência do valor supremo da verdade. Por que Nietzsche coloca tanta ênfase na questão da verdade, se ele já teria se libertado de seu peso? Tais espíritos livres, em sua paixão do conhecimento, não conseguem realizar em si a libertação completa da vontade de verdade, como foi expressa em anos anteriores, a saber, por meio da convicção, que nenhuma época até agora teve, “de que nós não possuímos a verdade”²⁸. No máximo, ele poderia chegar ao discernimento da “longa e encarnada mentira”, com a qual o ser humano atribuiu valor a si mesmo, para continuar vivendo, agarrado à ilusão de ser a medida de todas as coisas.

Na longa história do niilismo europeu, marcada pela vontade de verdade, o resultado é o vazio de sentido. A derrocada do valor supremo até então, a “verdade”, significa também a decadência de tipos dominantes até então, como o tipo sacerdotal e o homem teórico. Mas essa crise abriria espaço para novos valores “estéticos”, e para uma nova “hierarquia dos valores”. Essas ponderações aparecem nos planos do início – primavera de 1888²⁹, nos quais há um vínculo forte entre a história do niilismo e a decadência (*Nierdergang*), com foco na crítica do valor da verdade. Em um desses planos é estabelecida a divisão em quatro livros, com três capítulos cada, com a menção de que cada livro conteria 150 páginas, e cada capítulo, 50 páginas. O mais importante é que ele ainda está estruturado em torno do niilismo e de sua superação, como os títulos evidenciam:

Do advento do niilismo.
Da necessidade do niilismo.
Da autossuperação do niilismo.
Os vencedores e os vencidos. (FP 1888 13[4])

Entretanto, nas anotações seguintes, o niilismo vai sendo substituído aos poucos pelo conceito de *décadence*. Em vez de valores niilistas, são abordados os valores da *décadence*. E a abordagem fisiológica será mais desenvolvida na questão dos valores. É quando Nietzsche se dedica (na primavera de 1888) à leitura da obra de Charles Féré, *Dégénérescence et criminalité*, que será uma fonte valiosa para a análise da *décadence* fisiológica³⁰. Mas a questão da verdade

²⁸ FP 1880 3[19].

²⁹ Cf. FP 1888 13[3] e 13[4].

³⁰ Sobre as leituras de Nietzsche nos primeiros meses de 1888, cf. CAMPIONI, 2003. Além de Ch. Féré, há vestígios e anotações de leitura importantes nos póstumos da época das *Fleurs du mal*, de Ch. Baudelaire, assim como de obras sobre o cristianismo e a origem das religiões, de E. Renan, de J. Wellhausen e de Doistoiévski. Sobre as leituras das *Oeuvres posthumes*, que incluíam os diários íntimos de Ch. Baudelaire, a partir da qual são

permanece como um empecilho para a hierarquização e transvaloração dos valores. Podemos entender, assim, porque no último plano da “vontade de poder”, todo o primeiro livro seria dedicado ao problema da verdade:

Livro I. “O que é verdade”?
Capítulo I. Psicologia do erro.
Capítulo II. Valor da verdade e do erro.
Capítulo III. A vontade de verdade (somente justificada no valor afirmativo da vida (FP 1888 18[17])

Além desse esboço de plano, há várias anotações para tentar desenvolver essa questão da vontade de verdade. Concordamos com Giorgio Colli, no sentido de que Nietzsche não consegue avançar nesse ponto, em relação ao que já havia desenvolvido em 1887. O valor afirmativo da vida está na vontade de erro, de ilusão, de engano, de arte, e não na vontade de verdade. Essa é a conclusão que Nietzsche retoma de suas obras anteriores. Principalmente de sua obra de primícias: *O nascimento da tragédia*, que ele agora interpreta a partir desse problema da verdade e da arte. Assim, é bem compreensível que Nietzsche retome o *Nascimento da tragédia* como uma transvaloração “artística”, depois de colocar em segundo plano suas investigações abarcantes, inclusive as de caráter prognóstico, sobre o niilismo.

Logo em seguida, ele vai declarar, em relação ao *Nascimento da tragédia*: “Vê-se que nesse livro o pessimismo, digamos mais claramente, o niilismo, vale como a “verdade” [...]”.³¹ Só se pode falar de modo impróprio da “verdade”, como algo que perdeu seu valor e poder superiores. Mas a arte só tem poder de “violentar a realidade”, em virtude da mentira:

A metafísica, a moral, a religião, a ciência – elas são levadas em consideração nesse livro somente como diferentes formas de mentira: com seu auxílio, *acredita-se* na vida. “A vida *deve* inspirar confiança”: assim posta, a tarefa é descomunal. Para resolvê-la, o homem tem de ser um mentiroso já por natureza, ele tem de ser ainda, mais do que qualquer outra coisa, *artista*... E ele é isso também: metafísica, moral, religião, ciência – tudo isso somente rebentos de sua vontade de arte, de mentira, de fuga da “verdade”, de *negação* da “verdade”. Essa faculdade mesmo, graças à qual ele *violenta a realidade através da mentira*, essa *faculdade de artista par excellence* do homem – ele tem ainda em comum com tudo o que existe: ele mesmo é um pedaço de efetividade, de verdade, de natureza – ele mesmo é um pedaço de *gênio da mentira*... (FP 1888 11[415])

Não se trata apenas de um comentário à importância da arte na obra juvenil. A ampliação do domínio da arte para todas as produções humanas é também o resultado de um longo processo de pensamento e de avaliações, como se expressa enfaticamente em *Além do bem e do mal*. O homem, animal inventivo e astuto, se destaca pela boa consciência com que cria e frui de ilusões: “e toda moral é uma decidida e prolongada falsificação, em virtude da

estabelecidas relações entre o poeta das *Flores do mal* e Richard Wagner pelo viés da *décadence*, cf. a carta a H. Köselitz, de 26 de fevereiro de 1888 (KSB 8, p. 263 -265).

³¹ FP 1888 14[24].

qual se torna possível a fruição do espetáculo da alma. Desse ponto de vista, o conceito de ‘arte’ incluiria bem mais do que normalmente se crê” (BM 291).

A insistência em “valores estéticos” é uma tentativa de evadir-se do problema da verdade. A arte possui mais valor do que a “verdade”, mas o niilismo seria a própria verdade, a qual poderia ser transfigurada ou mascarada artisticamente. Nesse sentido, a fisiologia da arte e as considerações sobre a *Aesthetica* poderiam servir para efetivar novas transvalorações, depois da ruína dos valores morais. Há três repetições do título “*Aesthetica*”³², todas referentes ao livro III, em que também seria desenvolvida a fisiologia da arte, no último plano da “obra capital”, de 26 de agosto de 1888. Assomam nos títulos numerados³³ para a “obra capital” as menções à “arte” do futuro, que só poderia medrar depois do fenecimento da arte *decadente* ou niilista. O problema é que para Nietzsche toda a arte moderna é decadente, exceto a arte de conotação “clássica” do maestro Peter Gast e a música “mediterrânea” de Bizet³⁴... O solitário Nietzsche tem poucos recursos eficazes para intervir nos rumos da cultura e da arte europeias, a não ser sua arte de escrita, de ataques polêmicos, dos quais ele espera colher bons frutos, em um futuro próximo, não em dois séculos, depois da autossuperação do niilismo.

Dois cartas do final de agosto de 1888 (de Sils-Maria) comprovam a decisão de Nietzsche de abandonar o projeto da “Vontade de poder”. Na carta à Meta von Salis, ele ressalta sua dificuldade em avançar no projeto, depois do período de inspiração e concentração produtiva de *A genealogia da moral*: “Em comparação com o verão passado, que me permitiu uma tal *improvisação* sobre *horrible themata*, este verão parece ter ‘ido por água abaixo’. Isso me é muitíssimo doloroso: pois eu trouxe até *mais* forças aqui em cima do que no ano passado [...]”³⁵. A carta à mãe Franziska, de 30 de agosto, confirma que essas tentativas fracassaram, e que precisam ser redirecionadas a outro projeto (que será nomeado de “Transvaloração dos valores” nos dias seguintes): “Estou em plena atividade novamente – espero que continue assim por um tempo, já que um trabalho com boa e longa preparação, que deveria ter sido feito neste verão, foi ‘por água abaixo’, literalmente. *Essa* foi a perda irreparável, provocada por este verão *horrível*. –”³⁶. As preparações para a grande tarefa não trouxeram o resultado esperado. Justamente porque os escritos preparatórios à “Vontade de poder”³⁷ se concentraram na vertente

³² Cf. FP 1888 12[1].

³³ Cf. FP 1888 12[1].

³⁴ Cf. FP 1888 11[49].

³⁵ Carta a Meta von Salis, de 22 de agosto de 1888 (KSB 8, p. 397).

³⁶ Carta a Franziska Nietzsche, de 30 de agosto de 1888. (KSB 8, p. 406)

³⁷ M. Montinari entende que os planos para a “Transvaloração de todos os valores”, do início de setembro de 1888 são ainda semelhantes, em termos de conteúdo, aos planos para a grande obra, que foram abandonados no final de agosto. Mas, em outro sentido, os novos planos constituem uma negação dos projetos anteriores: “Vista *em termos de conteúdo*, a *Transvaloração de todos os valores* era num certo sentido o mesmo que a “Vontade de poder”, mas

destrutiva de sua filosofia, sobretudo nas implicações niilistas da vontade de verdade, sem apontar para um desenvolvimento significativo. Esse é (para mim) o principal motivo para Nietzsche abandonar o projeto em que depositou tantas esperanças.

Fica patente, assim, que Nietzsche não tem paciência para esperar dois séculos – até a consumação do niilismo e da vontade de verdade. Por isso, ele desenvolve um dos aspectos de suas pesquisas anteriores acerca do niilismo (o ataque polêmico à sua época) na questão da *décadence*.³⁸ Se o niilismo resulta na desvalorização dos valores que até agora predominaram, o contramovimento deveria consistir na posição de novos valores “em algum momento”, pelos legisladores do futuro. Essa criação de valores num tempo futuro é incerta e indefinida, sendo projetada para o quarto livro da obra principal. Mas é na arte que Nietzsche projeta esse contramovimento com mais determinação, embora ele não especifique como serão os “valores estéticos”. É justamente nessa parte afirmativa da obra que o autor da transvaloração menos avançou nesses primeiros meses. Mas ele ainda pretende, em sentidos mais práticos e imediatos, executar a transvaloração na cultura, na política, na música moderna.

É pouco promissor especular o que aconteceria se Nietzsche tivesse realizado sua tentativa sistemática, e tivesse publicado a vontade de poder como sua “obra principal”. Procuramos mostrar que é muito relevante considerar os motivos para o abandono desse projeto tão grandioso. Isso porque as obras publicadas não são a “decifração de enigmas” com os quais Nietzsche se confrontou em suas reflexões e anotações solitárias. O artista Nietzsche, que volta a publicar livros, acaba também por mascarar e dissimular questões centrais não resolvidas de seu pensamento, com suas estratégias retóricas brilhantes. Não temos soluções satisfatórias ao problema do valor da verdade e do niilismo nas obras publicadas em 1888. E as menções à vontade de poder são repetições de argumentos anteriores. Por mais brilhantes que sejam as formulações, como a do *Crepúsculo dos ídolos*, no capítulo “Como o ‘mundo verdadeiro’ se tornou finalmente fábula”, permanece indefinida a relação de Nietzsche em relação à verdade, à vontade de verdade, e à relação entre verdade e erro. Mas ele é muito engenhoso ao elaborar a transvaloração a partir de suas críticas à *décadence*, e com novas ênfases retóricas no valor afirmativo da vida ascendente.

O olhar retrospectivo de Nietzsche, através do qual ele junta resultados construtivos das obras anteriores, serve agora para efetivar pequenas transvalorações em aspectos determinados da cultura de seu tempo. Nas cartas, ele hesita muito: por vezes, menciona que não conseguiu avançar na sua tarefa, como vimos; outras vezes, ele pondera que teria

justamente por causa disso ela foi a sua negação *literária*. Ou ainda: Das anotações para a “Vontade de poder” surgiram o *Crepúsculo dos ídolos* e *O Anticristo*; o restante é – escólio” (MONTINARI, 1982, p. 118). Com isso, ainda precisa ser avaliado até que ponto a *Transvaloração* foi efetivada nessas duas obras dos meses finais de 1888.

³⁸ Cf. FP 1888 11[411].

conseguido acumular bons resultados³⁹. Enfim, Nietzsche está disposto a descarregar em uma direção (em livros, na arte da escrita) o que ele acumulou, como a promessa de uma felicidade, o início da *gloria mundi*⁴⁰. Mas ele não pretende levar ao extremo a filosofia da mentira, pois ainda mantém uma ligação com a verdade, no sentido de que a vontade de verdade ainda seria justificada e admitida “no valor afirmativo da vida”, como consta no último plano da “Vontade de poder”⁴¹. A arte e sua vontade de mentira não seriam suficientes para tal afirmação? O artista e pensador Nietzsche ainda fará novos experimentos com “novas verdades”, com as relações de poder, em jogos de verdade. Mas isso é paradoxal, pois para o artista todas as expressões humanas, mesmo a vontade de verdade, são rebentos de seu poder artístico. As velhas verdades não têm mais valor para ele, mas o vazio de sentido que viceja em seu tempo o move para adotar o “critério da verdade” da vida ascendente. Com isso, ele reluta em sair do círculo vicioso de sua “filosofia da mentira”, pois para o homem-artista, a arte possui mais valor que a verdade.

Os fragmentos póstumos traduzidos, dos grupos 11, 12 e 13, do final de 1887 até o início da primavera de 1888 expressam os esforços para encontrar saídas afirmativas, sem vislumbrar avanços significativos em meio à crise dos valores. Seleccionamos fragmentos desses grupos, que giram em torno dos principais temas da época, que constavam também nos projetos da vontade de poder. Traduzimos integralmente os fragmentos do grupo 12[1], nos quais constam os registros das 374 entradas⁴² para os quatro livros para a obra planejada. Eles constituem um material importante para avaliar a situação do último ano de produção filosófica nietzschiana.

Referências bibliográficas

CAMPIONI, Giuliano (ed.) *et al. Nietzsches persönliche Bibliothek. Supplementa Nietzscheana.* Berlim/Nova York, de Gruyter, 2003.

COLLI, Giorgio. *Nachwort zu Band 12 e 13.* In: NIETZSCHE, F. *Nachgelassene Fragmente 1887 – 1889. KSA 13.* Berlim/Munique: de Gruyter/DTV, 1988.

COLLI, Giorgio. *Scritti su Nietzsche.* 5. ed. Milão: Adelphi, 2008.

³⁹ Como na carta a G. Brandes, de 19 de fevereiro de 1888 (cf. KSB, p. 259), em que ele avalia positivamente o resultado de suas obras anteriores, principalmente das *Considerações extemporâneas* e de *Humano, demasiado humano*. Na carta a Brandes de 10 de abril do mesmo ano (cf. KSB, p. 287-290), ele inclui também nessa avaliação positiva de suas obras, *O nascimento da tragédia, Além do bem e do mal* e *A genealogia da moral*. As duas últimas que serão as principais fontes das preleções do dinamarquês. Nessa carta, ele incluiu uma breve biografia, em que ressalta seu itinerário filosófico, marcado pela doença e pela vontade de saúde. É preciso ter em mente que essas manifestações nas cartas a Brandes têm em vista a *gloria mundi* do filósofo que pretende ser, já no tempo presente, um “evento capital” na crise dos valores de seu tempo, ou seja, elas não se referem aos planos de sua “obra capital”.

⁴⁰ Na carta a Paul Deussen, de 3 de maio de 1888, ao comentar com muito orgulho sucesso das preleções de G. Brandes, como um novo marco para o reconhecimento de suas obras, Nietzsche emprega a expressão “*Sic incipit gloria mundi*” (Assim começa a glória mundial).

⁴¹ Cf. FP 1888 18[17].

⁴² Segundo a ordenação de Nietzsche eram 372 entradas ou títulos. Como há duas repetições, o total é de 374.

MONTINARI, Mazzino. *Friedrich Nietzsche. Eine Einführung*. Berlim/Nova York, de Gruyter, 1981.

MONTINARI, Mazzino. *Nietzsche lesen*. Berlim/Nova York, de Gruyter, 1982.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Digitale Kritische Gesamtausgabe. Werke und Briefe (eKGWB)*. Baseada no texto crítico de G. Colli e M. Montinari. Berlim: de Gruyter, 1967 -, org. por Paolo D'Iorio. <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB> .